

Humanismo como construção do ser humano: aproximações entre Jacques Maritain e José Comblin

Humanism as construction of the human being:
approximations between Jacques Maritain and José Comblin

Anderson Frezzato¹

Resumo: Este artigo propõe realizar um estudo do Humanismo caracterizado como construção do ser humano. Ao longo da História, surgiram diversos modos de pensar e situar o ser humano no tempo e no espaço: um dos principais é o Humanismo como movimento cultural. A centralidade do ser humano é o ponto-chave para todo o entendimento do Humanismo. A pessoa humana ocupa o lugar de sujeito de sua vida e atitudes. No entanto, o protagonismo humano como promotor e cuidador da própria existência não deveria ser radical e excludente a ponto de a pessoa se importar consigo mesma sem levar em conta a existência dos demais. O ser humano não vive isoladamente, mas relaciona-se com o semelhante a partir da abertura e alteridade. Para fundamentar todo o escopo neste trabalho, é proposto o resgate da contribuição ao tema de dois pensadores contemporâneos: Jacques Maritain e José Comblin.

Palavras-chave: Humanismo, Jacques Maritain, José Comblin, construção, liberdade

Abstract: This article proposes to carry out a study of Humanism characterized as the construction of the human being. Throughout history, different ways of thinking and situating human beings in time and space have emerged: one of the main ways is Humanism as a cultural movement. The centrality of the human being is the key point for the whole understanding of Humanism. The human person takes the place of subject of his life and attitudes. However, human protagonism as a promoter and caregiver of one's

Artigo recebido em: 06 de jan. de 2022

Aprovado em: 19 de jan. 2023

¹ Doutorando em Teologia do Programa de Pós-graduados em Teologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Mestre em Teologia pela PUC-SP. Membro do Grupo de Pesquisa José Comblin – PUC-SP.

own existence should not be radical and exclusive to the point that one cares for oneself without taking into account the existence of others. The human being does not live in isolation, but is related to the similar from the beginning and otherness. To support the entire scope of this work, it is proposed to rescue the contribution to the theme of two contemporary thinkers: Jacques Maritain and José Comblin.

Keyword: Humanism, Jacques Maritain, José Comblin, construction, freedom

Introdução

O desejo de que a pessoa estivesse presente na centralidade das especulações parece ser uma constante na História da civilização humana. O ser humano buscou, à luz do percurso da filosofia grega passar de uma compreensão mítica da realidade existente e de sua própria existência para um conhecimento racional, metucioso e elaborado. Inevitavelmente, percebeu-se como sendo um amontoado de racionalidade, sentimentos, curiosidade, limites, fracassos e sucessos. Aos poucos, a mira do conhecimento muda de direção e encurta as distâncias. O ser humano tem um novo lugar, um novo locus: o centro e não a órbita do conhecimento racional.

Se no início da elaboração dos princípios do conhecimento, o objeto examinado era a natureza, o cosmo, os fenômenos naturais, gradativamente, o objeto de estudo muda e se torna a pessoa humana. A natureza se torna preponderantemente o ser humano; o cosmo, seu mundo de subsistência, de relações; e os fenômenos, suas atitudes. No entanto, como o ser humano é diverso e está imerso em culturas diferentes, não sem tentação, a verdade sobre o ser humano foi sendo reduzida à percepção pessoal e individualista motivada pela cultura de cada época. O Humanismo se tornou um fenômeno quando passou a relativizar a pessoa humana. A falha possível de ser apontada está na inclinação de apenas considerar como verdade aquilo que está sob domínio do homem e da mulher, surgindo, desse modo, a grande pedra de tropeço: antropocêntrico radical.

Para contribuir no debate sobre as questões que envolvem o Humanismo e a construção do ser humano, proponho, neste trabalho, o resgate do pensamento de Jacques Maritain e de José Comblin. Em tempos diferentes, se debruçaram sobre o mesmo ser humano à procura não apenas de defini-lo, mas especialmente de compreendê-lo e situá-lo no mundo. O primeiro trata-se de um pensador francês; o outro, belga. Ambos com destacadas qualidades de formação intelectual e religiosa. Marcados pela cultura de cada tempo e por suas

experiências, colocaram o ser humano no centro das relações e não fechado em si mesmo, rompendo com o antropocentrismo radical.

O artigo se divide em duas principais partes. A primeira refere-se a uma contextualização sobre o Humanismo e sua caracterização como movimento cultural que promove a construção integral do ser humano. Na segunda parte, resgataremos as principais contribuições dos autores referentes ao tema indicado. Mostraremos, com sólidas referências teóricas no desenvolvimento deste trabalho, alguns conceitos importantes a ambos os autores, como pessoa humana, antropocentrismo radical, liberdade, verdade e outros. O objetivo principal é indicar algumas aproximações do pensamento de Maritain e Comblin no que se refere à compreensão da pessoa humana. Para tanto, utilizaremos suas principais obras e alguns de seus comentadores contemporâneos.

1 - Humanismo como construção do ser humano

Em tempos atuais, quando se fazem gritantes muitas vozes que clamam por dignidade humana, nunca é demasiado colocar o ser humano no centro dos debates. Sabe-se que a cultura é processo de produção humana tanto para o que enobrece e constrói a pessoa quanto para destruí-la. Se ao mesmo tempo o ser humano é objeto das discussões mormente àquelas que dizem respeito à falta de dignidade de vida, é também o responsável primeiro pelas soluções: pensar e promover a condições de vida digna para todos, independentemente de raça, língua e opções pessoais. Não poucas vezes o Humanismo tem se misturado a uma senda de responsabilidade ética, que não só alça a pessoa humana e a valoriza frente a tudo o que existe, mas também a coloca como responsável e cuidadora daquilo que está fora de si, como, por exemplo, os demais de sua espécie e a natureza como habitat. A respeito desse contexto, Emmanuel Lévinas afirma que o Humanismo não pode limitar-se a uma procura egocêntrica pelo bem-estar acima de tudo e de todos. É preciso ressaltar que “a não indiferença da responsabilidade”², provoca a alteridade, a abertura ao outro que tem suas experiências, alegrias, sofrimentos e visão de mundo.

Nota-se que essa alteridade não é apenas voltar-se para o outro e olhá-lo como alguém que contempla uma paisagem e não se deixa misturar-se a ela pela emoção. O ser humano contemporâneo tem perdido a capacidade de emocionar-se com os demais. O movimento de alteridade não é tão somente aquele que admira o outro de longe,

² LÉVINAS, Emmanuel. *O humanismo do outro homem*. São Paulo, Vozes, 2006, p. 15.

mas sim, movimento que se aproxima de modo interessado pelo bem-estar comum, não somente individual, mas, também, social. Quando a alteridade é caracterizada como movimento de encontro, é possível fazer surgir as condições de interesse para a construção das pessoas, pautando-se especialmente na luta pela liberdade. Nesse sentido, é que se pode propor como chave hermenêutica para definir o Humanismo o verbete *construção*. Isso significa que o Humanismo como movimento cultural que assenta a pessoa no centro da vida pode ser mais adequadamente entendido, de modo positivo, como construção do outro e não privação e negação dos demais.

Com efeito, em todos os tempos não faltaram discursos que procuraram estabelecer, de algum modo, um caminho para a construção do ser humano calcado na plena liberdade. Parte da Filosofia grega, especialmente o ceticismo propagado por Pirro de Élis, Carneádes de Cirine, Sexto Empírico, que desacreditava do ser humano por completo, reduzindo-o à sua natureza fraca e mortal, estimulou um movimento contrário por parte dos sofistas, como também de Sócrates e Aristóteles. A Filosofia que concebia o ser humano destinado à perdição, dá lugar aos poucos ao entendimento de que o ser humano é responsável por suas atitudes individualmente e socialmente. Surge, através do deslocamento do pensamento da *physis* para o *homo*, a noção de que o ser humano não é apenas *natura*, finita e limitada, mas capaz de lutar por suas convicções e condições de vida. Nesse sentido, o ser humano ocidental antigo não era mais escravo e dominado pelos deuses, gregos ou romanos, tornando-se independente e autônomo³.

É inegável que o Humanismo contemporâneo tem suas raízes no Antropocentrismo Renascentista. O movimento renascentista resgatou e valorizou o ser humano oferecendo o antropocentrismo radical como referência teórica, o que culminou não na liberdade do ser humano integral, mas nas liberdades individuais, fazendo de cada pessoa sua própria crença e sentença. Do mesmo modo que parte do Humanismo grego tonou-se independente do ser humano religioso, o Humanismo Antropocêntrico dos Séculos XIV ao XVI prescindiu do Deus cristão. Naquela época, os tidos como esclarecidos abandonaram o Teocentrismo assumindo o Antropocentrismo. A Igreja significando, para essas pessoas, velha e estativa, cedeu ao mundo o lugar privilegiado para a construção de uma sociedade mais civilizada e hipoteticamente mais humana. Tal fenômeno não foi

³ MINUS, José Caetano; RIBEIRO, Matheus Barbosa. O novo Humanismo cristão de Jacques Maritain como possibilidade de superação ao antropocentrismo moderno. *Interciência&Sociedade*. v. 5, n. 1, 2020, p. 4.

isolado, muito menos esquecido, e continuou a ser propagado nos anos precedentes, notadamente com os iluministas.

O Iluminismo, como movimento filosófico-cultural, teve seu apogeu na França, em meados do Século XVIII e ficou conhecido como Século da Filosofia ou da Luz. Isso porque a razão humana se tornou a grande referência para a elaboração da verdade e da felicidade. A verdade é aquilo que a razão pode pensar, provar e a felicidade está no bem-estar individual, sem se misturar com religião.

Paradigmas consolidados em um primeiro momento no saber eclesiástico – a ideia da providência divina e na escatologia – e, em um segundo momento, no saber científico – consolidada pela Revolução Francesa – conjugado com a técnica, que proporcionaria uma mudança drástica no estilo de vida humano. A mudança trazida pela revolução capacitaria o “progresso” da sociedade: responsável pela promoção das potencialidades humanas e da condução do conhecimento tecnológico – vivenciados até hoje por nós. Foi através de pensadores como Copérnico, Galileu, Newton – fundadores da ciência natural – e por filósofos como Locke, Montesquieu e Rousseau que se deu o desenvolvimento do pensamento iluminista. Nesse movimento que iniciou e aprofundou-se o processo da transformação social e técnica – em detrimento da metafísica e dos cálculos esotéricos – sem precedentes na história⁴.

Lima Vaz afirma que o humanismo moderno procedeu de modo correto em relação à contribuição do ser humano para o progresso da civilização. Desenvolveram grandes reflexões personagens como Francis Bacon e René Descartes. O ser humano deveria, sem dúvida, assumir seu papel transformador de sua vida e lutar por criar as condições de pleno desenvolvimento civilizatório. Entretanto, não passado muito tempo, Jean-Jacques Rousseau já lançava dúvidas sobre o total e pleno progresso da humanidade basilarmente solidificado apenas no ser humano, que em sua visão, se reduzia à sua própria natureza animal, frágil e restrita. Diversos males acometeriam a civilização moderna: a organização sócio-política polarizada entre Ocidente e Oriente, os países desenvolvidos e subdesenvolvidos, a crescente miséria entre os povos principalmente africanos e latinos, os sistemas políticos totalitaristas, as duas Grandes Guerras Mundiais, a Guerra Fria. Esses eventos fizeram com

⁴ Cf. MELLO; DONATO, 2011, p. 249.

que a Modernidade e o tão sonhado progresso humano fossem abalados. A Modernidade entra em crise, uma vez que a força motriz de todo o desenvolvimento humano se tornou o seu maior obstáculo: a própria pessoa humana⁵.

A busca pelo desmedido conforto material e a vinda de novos problemas provocados pelo advento da tecnologia, gradativamente vão infiltrando em muitos pensadores um certo pessimismo em relação ao ser humano e ao seu fim. Só se pode contar com a razão, que já se mostrou limitada, uma vez que o Humanismo quis prescindir do *homo religiosus*. Não se pode negar que parte dessa crise está no fato de não se considerar a possibilidade do ser humano ser religioso, principalmente cristão. Lima Vaz afirma que “os Séculos XIX e XX assistiram ao *climax* dessa interpretação intencionalmente anticristã nos ateísmos de Feuerbach e de Marx, na “religião da Humanidade” de A Comte, na proclamação da “morte de Deus” por F. Nietzsche, na denúncia da “ilusão religiosa” por Freud”⁶. Progressivamente, aqueles ideais de que o ser humano era o centro e o promotor de vida digna, livre e liberta, dá lugar a uma profunda crise da humanidade. Para muitos, a pessoa, depois de um itinerário de uma vida angustiante e sofrida, encontra-se em um acalentador e necessário fim: a morte.

Não obstante esse triste cenário, alguns personagens se levantaram, sem abdicar da fé cristã, em pensar o ser humano como pessoa capaz de promover o bem-estar de si mesmo e de outro. Dois deles, Jacques Maritain e José Comblin. Maritain nasceu em Paris, em 18 de novembro de 1882, e faleceu em Toulouse, em 1973. Filósofo, teve como grande influenciador de seu pensamento o teólogo católico Tomás de Aquino. Autor de várias obras, Jacques Maritain dedicou-se a pensar o Humanismo por meio da ótica cristã, ressaltando a importância do ser humano como sujeito de um desenvolvimento integral e não desvinculado da fé. Já José Comblin nasceu em Bruxelas, na Bélgica, no dia 22 de março de 1923, e faleceu no Brasil, na cidade de Simões Filho, em 2011. Jovem sacerdote católico recebeu excelente formação intelectual, tanto filosófica quanto teológica. Chegou ao Brasil em 30 de junho de 1958, quando pôde, a partir dessa data, encontrar-se mais diretamente com o povo sofrido, especialmente os pobres, contextualizando toda sua visão teológica e

⁵ LIMA VAZ, Henrique Cláudio. Humanismo hoje: tradição e Missão. *Revista Síntese*, 28, (92), p. 158, 2001.

⁶ LIMA VAZ, 2001, p. 164.

visão de mundo a partir da realidade latino-americana⁷. Ambos pensaram o ser humano como construtor de sua vida livre e plena.

2 - Aproximações entre Jacques Maritain e José Comblin

O caminho realizado pela filosofia grega, mormente por aqueles pensadores que procuravam colocar o ser humano como agente capaz das especulações, acabaram colocando-o no centro de todas as coisas. Não ficaram sem ressonância as palavras do sofista Protágoras, que afirmou que o ser humano é a medida e a razão de todas as coisas. A busca pela explicação do mundo e de todas as coisas existentes aos poucos vai migrando da cosmologia naturalista para um Antropocentrismo misturado de subjetivismo e radicalidade. A tarefa de colocar o ser humano no centro das especulações e da significação das coisas não será uma tarefa fácil, uma vez que associada à evolução do itinerário científico, o ser humano será questionado por verdades que não são suas e, ainda, estão fora de si⁸. Comblin lembra que muito daquilo que temos sobre a reflexão em torno da pessoa humana é fruto da influência dos sofistas gregos que propunham um tipo de humanismo cético, relativista, individualista.⁹

A esse respeito, Urbano Zilles diz que a humanidade já se deparou com limites que não pôde transpor. Citando Sigmund Freud, Zilles expõe a ideia freudiana de que a humanidade já sofreu “três grandes humilhações”¹⁰: a primeira, justamente chamada de cosmológica, foi quando Copérnico aniquila a visão geocêntrica - tão embebida de influência religiosa e assaz voluntariosa em afirmar ser a Terra o centro do universo - substituindo-a pela visão heliocêntrica; a segunda humilhação se trata da guinada biológica criacionista que daria lugar à descoberta de Charles Darwin de que as espécies possuem sua origem em condições naturais e evoluem ao longo do tempo. A terceira queda refere-se ao ser humano moderno que, segundo Freud, dificilmente age sozinho, mas está imerso em condicionamentos externos e internos.¹¹ A pessoa humana não tem senhorio estabelecido e garantido; ao contrário, todos somos um

⁷ MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin. Uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013, p. 225.

⁸ Cf. KONINGS, Johan. Humanismo e contemporaneidade (Resenha). *Revista do Instituto de Humanas*. Belo Horizonte. Puc-Minas. n.11. vol. 4, 2014, p. 122.

⁹ COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998, p.30.

¹⁰ Cf. ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011, p. 88.

¹¹ Cf. ZILLES, 2011, p. 88.

amontoado de impulsos, desejos e instintos. De todo modo, as humilhações descritas por Freud são verdadeiras não como fenômeno abstrato, mas como consequência real e distinta da própria ação do ser humano. Nesse sentido, haveria alguma razão para afirmar a existência de um Humanismo, que seja uma elaboração teórico-prática, com uma pretensa vocação mediadora entre a busca da valorização da pessoa pela sua essência e a inevitável constatação da finitude da pessoa?

Para responder a essa pergunta, resgatamos alguns fundamentos do pensamento de Jacques Maritain sobre o Humanismo e de José Comblin a respeito da liberdade. Entendemos que todo e qualquer Humanismo, ora histórico caracterizado como “um movimento cultural ligado à Renascença e às novas descobertas e saberes do início da Era Moderna, ora “exclusivista, ou ateu”,¹² com o típico acento antropocêntrico radical, ignorante de toda referência a uma possível existência de um ente transcendente, tem como condição o pressuposto de que todo o ser humano é livre. Assim, não se pode falar de Humanismo sem essa condição fundamental. Maritain, em sua célebre obra *Humanismo Integral*, afirma que quaisquer que sejam as expressões do Humanismo ocidental, é possível localizar como núcleo do aglomerado teórico o conceito de liberdade.¹³ Para José Comblin, não é diferente. Dedicando duas obras ao tema da liberdade, sendo *A vida. Em busca da liberdade* e *Vocação para a liberdade*, Comblin afirma que liberdade, rompendo com a compreensão grega de liberdade possível somente para aristocracia como fruto de privilégios sociais, é condição de vida e vivência do homem e mulher contemporâneos, vivida com dignidade, responsabilidade e compromisso frente o outro.¹⁴

Uma leitura crítica de Maritain e Comblin permite-nos fazer uma diferenciação entre Humanismo e Antropocentrismo radical. Para os autores, não há divergências quanto à possibilidade da existência de um Humanismo, que possa assumir uma carga de valores cristãos sendo caracterizado como movimento cultural, educacional e político de transformação pessoal e do outro. Ambos dão pouca atenção às críticas a respeito da possibilidade da existência de um humanismo cristão. Relativizam em especial alguns filósofos que ao criticar o homem religioso o reduz a religião da natureza, como Rousseau; e o homem natural e Sartre. Segundo Sartre, o ser humano

¹² KONINGS, 2014, p. 122.

¹³ Cf. MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral*. Trad. Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965, p. 5.

¹⁴ COMBLIN, José. *A vida. Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007, p. 13.

está condenado a procurar sempre uma liberdade de escolhas, que não pode jamais se realizar em plenitude, sofrendo, assim, a angústia que clama pela plena liberdade nunca realizável, desembocando num Antropocentrismo radical, não no Humanismo. Para nossos dois autores, o Humanismo que Maritain chamou de Humanismo Integral e Comblin de Vocação para a Liberdade está longe desse Antropocentrismo radical que, ao colocar o ser humano no centro e na medida de todas as coisas, acaba, no fim, mesmo que seja no itinerário teórico, por negá-lo, completamente. Maritain chega a afirmar que “o vício radical do humanismo antropocêntrico foi de ser antropocêntrico e não de ser humanismo.”¹⁵

Karl Rahner colabora com nossa reflexão quando diz que existe um tipo de humanismo que, caracterizado por Maritain como “humanismo inumano”,¹⁶ está assentado sobre uma deturpada Antropologia a que chamou de imanente e radical, e que deveria ser substituída por uma Antropologia Transcendental.¹⁷ Para Rahner, “o homem se percebe como sendo, de múltiplas maneiras, produto do que ele próprio não é”¹⁸, ou ainda mais, “experimenta-se como sujeito e pessoa precisamente à medida que se torna consciente de si como produto do que lhe é radicalmente estranho”¹⁹. Esse modo de pensar o Humanismo abre a possibilidade do questionamento e da busca pela verdade que não é sintetizada pelo ser humano, mas está fora dele. Se se admitisse que cada pessoa é a medida de sua própria verdade, não poderia haver valores humanistas comuns e compartilhados entre as pessoas. O Papa Francisco na sua magistral Carta Encíclica *Fratelli Tutti*, no parágrafo vinte e dois, manifesta-se contra um Humanismo subjetivista e relegado ao fórum particular das pessoas. O pontífice afirma existir visões Antropológicas redutivas, pouco abertas à consciência da existência do outro como ser e que, no tempo presente, tornaram-se um empecilho para o pleno desenvolvimento da pessoa humana²⁰.

Não se pode negar que o Humanismo procurou incentivar a dignidade humana (*dignitas hominis*) opondo-se à miséria humana

¹⁵ MARITAIN, Jacques. *A pessoa e o bem comum*. Trad. Vasco de Miranda. Lisboa: Livraria Moraes, 1962, p. 26.

¹⁶ Cf. MARITAIN, 1962, p. 27.

¹⁷ SUREKI, Luiz Carlos. Humanismo cristão... é possível?. *Simpósio Anais Faje 2019*, p. 4.

¹⁸ RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989, p. 40.

¹⁹ RAHNER, 1989, p. 43.

²⁰ Cf. FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social*. n. 2, 2020.

(*miseria hominis*). Nesse ponto, Maritain afirma que existe uma convergência, apesar do antropocêntrico radical não admitir essa correlação entre o esforço humanista pela valorização da dignidade humana e os valores do Evangelho, principalmente os valores relativos à liberdade, à justiça social²¹. O Evangelho movimenta as pessoas a modificar seu agir humano. Tal movimento é incentivado pelo humanismo que consegue perceber outras necessidades que não são somente individuais, mas, sobretudo demandas sociais. Joseph Ratzinger alude que o antropocentrismo radical cria os espectadores do horror que sem nada fazer e comover estão nas poltronas da prosperidade olhando para o que há de maior de horrível na humanidade. A pessoa se torna cada vez mais humano quando não somente tem condições dignas de vida, mas quando se torna promotora delas, contribuindo por transformar as estruturas da vida social que oprimem e impedem que a pessoa possa, por exemplo, “comer dignamente seu pão”²². O Humanismo, quando compreendido como movimento de abertura, retoma assuntos de extrema importância e responsabiliza a comunidade humana, por exemplo, quanto à degradação da natureza, à sustentabilidade, à questão migratória, à intolerância religiosa.

Maritain fala da superação do homem burguês que é caracterizado como uma “produção farisaica e decadente nascida do espírito puritano”,²³ que fica satisfeito consigo mesmo, tomando como testemunho de seu dever apenas sua consciência, além de ser um incentivador de um mundo idealista pautado no dinheiro e no sucesso da vida econômica. A pessoa que pensa dessa forma não leva em conta a dignidade humana do outro e precisa tomar consciência que faz parte de uma sociedade em que as pessoas têm necessidades. Nesse sentido é intolerável caracterizar o outro como objeto ou instrumento de manipulação amputando-lhe a condição de viver suas convicções, até mesmo religiosas. É uma abertura ao outro, a alteridade como atitude que se aproxima do outro pelo fato de todos pertencerem à mesma condição existencial humana.²⁴

Para Comblin, não se pode criar condições de promoção de vida digna, de reconhecimento do outro como semelhante, pertencente ao mesmo mundo e história, se todos não forem livres. A

²¹ Cf. MARITAIN, 1962, p. 29

²² MARITAIN, 1962, p. 91.

²³ MARITAIN, 1962, p. 76.

²⁴ EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. Humanismo integral segundo Jacques Maritain: a pessoa humana como ser de relação e promotora de dignidade. *International Studies and Education*. n. 28, jan-abr, Portugal. Universidade do Porto, 2018, p. 88.

liberdade é condição integrada à essência humana. Uma pessoa que não é livre, afirma Comblin, não existe como ser humano, pois lhe são tolhidos o pensamento, sentimento e vontade²⁵. A liberdade não pode ser o ponto de chegada das ações humanas, mas o pressuposto delas. Aqueles ou aquelas que não possuem condições dignas de vida não são de todo modo livres, mas anulados por uma sociedade que ainda não descobriu a grandeza da alteridade, permanecendo bem acomodada nos leitos do capitalismo liberal, excludente e opressor. Infelizmente, escreve Comblin, a maioria dos seres humanos afirmam são ser responsáveis pela pobreza, que nada podem mudar; não adianta culpar-se, pois o melhor a ser feito é que cada um cuide de si mesmo e quem puder usufruir da vida que o faça.²⁶ Não se percebe que já não são a maioria, mas sim, uma minoria que goza à vida, enquanto a maioria está a busca da liberdade.

Do mesmo modo que Maritain, Comblin acredita que o ser humano é agente transformador do meio onde vive. Não se pode construir condições dignas para o ser humano permanecendo apenas no campo das profecias de ordem. Francisco, mais uma vez, diz que a humanidade não se transforma somente pela força das palavras. Para ele, a fraternidade não é possível sem uma consciência política que promova a fraternidade; a igualdade não é fruto de definições abstratas e não é conquista da força do grito de que somos iguais²⁷. Maritain e Comblin admitem o Humanismo como expressão maior liberdade humana que tem sua realização no processo construtivo de uma sociedade onde a pessoa humana tenha vida e viva a dignidade. Nessa construção, o ser humano não pode ser compreendido como indivíduo que se dilui na massa humana sem ser visto e percebido, mas é agente protagonista e livre. No livro *Pessoa e Bem comum*, Maritain afirma que os grandes progressos da humanidade foram conquistados justamente quando o ser humano tomou consciência de si como pessoa única e abre-se para caracterizar o outro também como pessoa única, não como objeto.²⁸

O diálogo social, que Francisco propõe como um modo de superação de uma sociedade do descarté, somente é possível baseada na liberdade da pessoa humana. Sem furtar-se da própria identidade, as pessoas são capazes de dialogar, ou seja, de abrir-se para o próximo. Nesse sentido é que Comblin afirma que o ser humano não tem uma meta definida de antemão, mas a elabora com o outro, com a sociedade e até mesmo com suas crenças, se assim desejar. Tal

²⁵ Cf. COMBLIN, 1998, p. 24.

²⁶ Cf. COMBLIN, 1998, p. 24

²⁷ Cf. FRANCISCO, 2020, n. 103-105.

²⁸ Cf. MARTAIN, 1962, p.33.

liberdade vai sendo concretizada no decorrer da vida, dentro das adversidades de uma existência humana, que apesar de ser única, não existem duas pessoas iguais nem semelhantes, não está só e fadada à solidão²⁹. Toda pessoa sempre existe como sendo única, mas pertencendo a um grupo maior que é a comunidade dos seres humanos.

Palavras finais

A temática da valorização do ser humano e de suas relações consigo mesmo, com o outro, com a natureza e com Deus tem sido a ordem do dia para muitas reflexões.³⁰ O pensamento contemporâneo não é isento de referências teóricas de grande valor propostas no passado. Muitos pensadores, sejam filósofos, teólogos, historiadores, admitem que o conhecimento é elaboração contínua que visa buscar a união da contribuição realizada no passado com as novas interpelações do presente. Jacques Maritain e José Comblin são essas contribuições pretéritas, não tão distante, que continuam a reverberar no presente como luz e provocação. Ambos se dedicaram, cada qual segundo sua formação e contexto, na grande senda de pensar quem é o ser humano e qual seu papel existencial.

De modo algum, foram contra as perspectivas do Humanismo que valoriza a existência humana com suas potencialidades e não reduziram o ser humano à sua própria condição limitada. Abriram-se para pensar o ser humano dentro de um todo, jamais refratário, completo na medida em que se volta para o próximo. Por mais que o pensamento de ambos esteja alicerçado sobre uma tradição religiosa, foram capazes de dialogar com os mais diversos segmentos da sociedade. Haja vista ser esta a qualidade desses dois pensadores em nosso trabalho: a originalidade do pensamento e a condição de se estabelecer diálogos, o que necessariamente confere mais cientificidade às propostas teóricas tão imbuídas de experiências transformadoras da vida.

O Humanismo, como esforço do pensamento humano, tem seu próprio garantidor a compreensão nocional de liberdade. A pessoa não existe plenamente sem liberdade. O ser humano, na visão de Maritain e Comblin, está sempre imerso em um itinerário de desenvolvimento e crescimento que desemboca na promoção das condições dignas de vida. O Humanismo baseado no Antropocentrismo radical, como que incrédulo, acaba sentenciando o

²⁹ Cf. COMBLIN, 1998, p. 238.

³⁰ Cf. EUFRÁSIO, 2018, p.92.

ser humano a ser o seu próprio fim, impedindo de encontrar verdades que estão além de seus subjetivismos.

Verdades essas que podem ser os princípios da moralidade, da fraternidade, da busca igualitária por condições de vida e, em especial, a certeza existencial do outro, da outra pessoa que está ao lado e que pode estar passando por necessidades. Na verdade, enquanto houver uma pessoa em situação de necessidade, nenhum ser humano é completo. A natureza humana, neste caso, que é basilar e compartilhada, está enfraquecida e, em alguma medida, inexistente por completa. Tanto Maritain quanto Comblin, afirmam que o humanismo é promotor de transformação pessoal e comunitária. Enfim, tais autores trabalhados como referenciais teóricos, continuem sendo iluminadores quanto ao tema e que o pensamento, aqui desenvolvido despretensiosamente, possa levantar novas contribuições.

Referências Bibliográficas

- COMBLIN, José. *A vida. Em busca da liberdade*. São Paulo: Paulus, 2007.
- COMBLIN, José. *Vocação para a liberdade*. São Paulo: Paulus, 1998.
- EUFRÁSIO, Thiago de Moliner. Humanismo integral segundo Jacques Maritain: a pessoa humana como ser de relação e promotora de dignidade. *International Studies and Education*. N. 28, jan-abr, pp. 85-92, Portugal. Universidade do Porto, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/Humanismo_integral_segundo_Jacques. Acesso em 03 de novembro de 2020.
- FRANCISCO, Papa. *Carta Encíclica Fratelli Tutti. Sobre a fraternidade e amizade social*, 2020. Disponível em: www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.htm. Acesso em 20 de dezembro de 2020.
- KONINGS, Johan. Humanismo e contemporaneidade (Resenha). *Revista do Instituto de Humanas*. Belo Horizonte. Puc-Minas. n.11. vol. 4, 2014. Disponível em: <http://seer.pucminas.br/index.php/revistaich/article/view/9515>. Acesso em 04 de novembro de 2020.
- LÉVINAS, Emmanuel. *O humanismo do outro homem*. São Paulo, Vozes, 2006.
- LIMA VAZ, Henrique Cláudio. Humanismo hoje: tradição e Missão. *Revista Síntese*, 28, (92), p. 157-168, 2001. Disponível em: <http://faje.edu.br/periodicos/index.php/Sintese/issue/view/277>. Acesso em 29 de dezembro de 2020.

MARITAIN, Jacques. *A pessoa e o bem comum*. Trad. Vasco de Miranda. Lisboa: Livraria Morais, 1962.

MARITAIN, Jacques. *Humanismo Integral*. Trad. Alceu Amoroso Lima. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1965.

MELLO, Vico Denis; DONATO, Manuella. O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo: Modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático. *Revista Crítica Histórica*. Ano I, n. 4, dezembro, 2001, p.248-260. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/118>. Acesso em 29 de dezembro de 2020.

MINUS, José Caetano; RIBEIRO, Matheus Barbosa. O novo Humanismo cristão de Jacques Maritain como possibilidade de superação ao antropocentrismo moderno. *Interciência&Sociedade*. v. 5, n. 1, 2020, p. 4. Disponível em: <https://revista.francomontoro.com.br/intercienciaesociedade>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

MUGGLER, Monica Maria. *Padre José Comblin. Uma vida guiada pelo Espírito*. São Bernardo do Campo: Nhanduti Editora, 2013.

RAHNER, Karl. *Curso fundamental da fé*. Introdução ao conceito de Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1989.

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica*. Tradução de Paulo Perdiggão. 5º ed, RJ: Vozes, 1997.

SUREKI, Luiz Carlos. Humanismo cristão... é possível?. *Simpósio Anais Faje* 2019.

Disponível:www.faje.edu.br/simposio2019/arquivos/comunicacoes/doutores/Luiz%20Carlos. Acesso em 03 de novembro de 2020.

ZILLES, Urbano. *Desafios atuais para a Teologia*. São Paulo: Paulus, 2011.